



IGREJA *Viva*



ENTREVISTA

"OS JOVENS NÃO DESANIMARAM"

MARIANA MACEDO, ANTÓNIO ROCHA E CÓNEGO EDUARDO DUQUE
PASTORAL UNIVERSITÁRIA DE BRAGA

P. 04-05

BREVES

Igreja celebra “domingo do mar” com alerta para impacto da pandemia nos profissionais do sector

O Vaticano vai assinalar a 11 de Julho o “domingo do mar”, alertando para o impacto da pandemia nos profissionais do sector, afectados também pela pirataria e os naufrágios.

O Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral recorda que os navios “nunca deixaram de transportar de um porto para outro os equipamentos médicos e medicamentos essenciais para apoiar a luta contra a propagação do vírus”, durante a crise provocada pela Covid-19.

“Cerca de 90% do comércio mundial movimentava-se graças aos navios ou, mais precisamente, aos 1,7 milhões de marinheiros que trabalham neles”, acrescenta a nota.



Símbolos da Jornada Mundial da Juventude começam hoje peregrinação em Angola

Os símbolos da Jornada Mundial da Juventude chegam esta quinta-feira a Luanda, onde vão começar a sua peregrinação de evangelização ao encontro dos jovens e de divulgação do evento cultural e religioso agendado para 2023, em Lisboa.

“É muito importante que este caminho dos símbolos, seja um caminho de missão, o desafiar os jovens para a missão, para a evangelização dos outros jovens, e a transformação das suas próprias comunidades, através da sua energia, da sua criatividade, do seu protagonismo, e da sua fé”, disse à D. Joaquim Mendes, coordenador geral da JMJ Lisboa 2023 para a área pastoral.

Os símbolos estarão no país angolano até dia 15 de Agosto, Espanha nos meses de Setembro e Outubro e ainda pela Polónia, em datas ainda por anunciar. Passam pela Arquidiocese de Braga em Fevereiro de 2023.



OPINIÃO

Homofobia mata



CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

sora dos direitos humanos, ninguém o conseguiu salvar da fúria dos agressores. Cerca de 13 pessoas uniram-se para espancar o Samuel, para magoar o Samuel, para matar o Samuel, de forma impiedosa, cruel e covarde. Porquê? Porque o Samuel era homossexual. A sua orientação sexual ditou a sua morte e a isto chama-se homofobia.

Nos jornais, nas televisões, nas redes sociais, nas conversas ouvidas no café, nos autocarros e consultórios mé-

vido pela arrogância, pela intolerância, pela ignorância e pelo medo. A homofobia não é uma questão de opinião pessoal, de orientação religiosa ou de costumes e tradições. A homofobia é crime. Aliás, a discriminação racial, religiosa e sexual, em Portugal, é prevista e sancionada pelas mesmas normas legais, como, por exemplo, o artigo 240º, do DL 48/95, alterado pelo artigo 2º da Lei 19/2013.

Dos corredores da política e do futebol, aos corredores da Igreja, discute-se a necessidade da tomada de medidas para uma sociedade mais justa, tolerante e igualitária, independentemente da sua origem, crença, género e orientação sexual. Mas, cabe a cada um de nós fazer a sua parte, colaborar na construção de uma sociedade de que nos orgulhemos, tendo por base o respeito pelos direitos mais básicos, desde logo o direito à vida. É fácil indignarmo-nos quando somos confrontados com uma morte, é fácil ficarmos chocados quando lemos relatos sofridos, mas também é tão fácil ficarmos calados perante o que consideramos “pequenas discriminações sem importância”. Não estaremos assim a alimentar e perpetuar a aceitação social do abuso? É preciso estar atento e vigilante, qual escuteiro em missão, à vítima e ao agressor. É preciso educar, é preciso proteger, é preciso amar.

O crime não acontece só nos outros países, só nas outras casas, só nas outras famílias. Não podemos acreditar que não é nada connosco. Como tão bem escreveu Martin Niemöller “Um dia vieram e levaram o meu vizinho que era judeu. Como não sou judeu, não me incomodei. No dia seguinte, vieram e levaram o meu outro vizinho que era comunista. Como não sou comunista, não me incomodei. No terceiro dia vieram e levaram o meu vizinho católico. Como não sou católico, não me incomodei. No quarto dia, vieram e levaram-me; já não havia mais ninguém para reclamar...”



Samuel saiu à noite no passado fim-de-semana com um grupo de amigos, para ouvir música e para dançar. Samuel tinha 24 anos. Samuel era um jovem espanhol, vivia aqui ao lado, com a vida, os sonhos e os projectos para o futuro ainda em início de construção. Samuel era filho de alguém, era neto de alguém e, provavelmente, irmão de alguém. Na madrugada de sábado, sem que nada fizesse suspeitar que o fim da linha se aproximava a passos largos, foi espancado até à morte, na rua, à porta de uma discoteca. Numa sociedade que se quer justa, livre e igualitária, que se autoproclama acérrima defen-

dicos, o tema da homofobia é uma constante. Mas o que é isto da homofobia? Trata-se de um medo irracional que conduz à repulsa e preconceito contra a homossexualidade ou a pessoa homossexual, inferiorizando-a e humilhando-a com recurso à violência verbal e física. Quando a orientação sexual mata talvez seja altura da sociedade parar e avaliar os seus valores, as suas prioridades, os seus medos, de sair em busca da humanidade perdida. Por mais que analisemos o tema ou que tentemos justificar o injustificável, atacar, agredir, matar alguém pela sua orientação sexual é um acto de covardia. É um crime hediondo e cego, mo-

© GENILDO



PAPA FRANCISCO

2 DE JULHO 2021 · O próximo Encontro Mundial das Famílias com o tema “Amor em família: vocação e caminho da santidade”, assumirá uma forma multicêntrica e ampliada: cada diocese pode ser o centro de um encontro local para suas próprias famílias e comunidades.

4 DE JULHO 2021 · Como os conterrâneos de Jesus, corremos o risco de não reconhecê-lo. Um deus abstrato e distante, que não se envolve nas situações, é mais cômodo. Em vez disso, Deus se encarnou: humilde, terno, escondido, aproxima-se de nós vivendo a normalidade de nossa vida quotidiana.

7 DE JULHO 2021 · Fiquei tocado pelas tantas mensagens e pelo afeto recebido nestes dias. Agradeço a todos pela proximidade e oração.

PAPA FRANCISCO

Papa continua a recuperar de operação e agradece mensagens

O Papa Francisco está a recuperar de forma “regular e satisfatória” à intervenção cirúrgica do último domingo, mostrando-se “comovido” com as mensagens que lhe chegam de todo o mundo, de acordo com o Vaticano.

“O pós-operatório de Sua Santidade o Papa Francisco continua a ser regular e satisfatório. O Santo Padre continuou a comer regularmente e suspendeu as perfusões”, informou o director da sala de imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni, esta quarta-feira.

O exame histológico final confirmou o diagnóstico de “estenose diverticular grave”, com sinais de diverticulite esclerosante – um problema no cólon. O pontífice mostrou-se “comovido com as muitas mensagens e carinho recebidos nestes dias e expressa sua gratidão pela proximidade e oração”. Francisco foi submetido este domingo a uma operação programada ao cólon e tem vindo a recuperar favoravelmente, segundo comunicados diários do Vaticano, devendo permanecer no hospital universitário Agostino Gemelli durante um total de sete dias.



OPINIÃO

O Verdadeiro Herói

GUILHERME MARTINS ANDENI

SEMINARISTA DA DIOCESE DE PEMBA A ESTUDAR NO SEMINÁRIO CONCILIAI DE BRAGA

Herói não é apenas aquele que combate e sai vitorioso, mas também aquele que, perante os conflitos e as adversidades, consegue salvar as memórias da Igreja. Num artigo que li há uma semana atrás, pude aperceber-me da coragem de um catequista da paróquia de Palma. No referido artigo, não se enaltece apenas a coragem de quem salva vidas, mas a de quem protege o património da Igreja e a identidade das pessoas que fazem, ou fizeram, parte de uma determinada paróquia. Neste artigo, intitulado “O herói de Palma”, destaca-se a coragem deste catequista que, com a sua simplicidade e humildade, conseguiu salvar as memórias da paróquia. Segundo o autor, “desde esse momento, quando se escutaram os primeiros tiros, as primeiras detonações de bombas, este discreto catequista e animador paroquial assumiu como objetivo principal salvar os livros de assento onde se encontram os registos de casamentos e de ba-

tizados que foram realizados na paróquia, ou seja, assumiu como missão salvar os documentos que constituem a memória da comunidade católica de Palma”.

A fé deste homem não se manifestou apenas naquele momento. Durante os momentos de aflição, na tentativa de encontrar um lugar seguro, algo de emocionante aconteceu: citando o autor, “quando chega a Senga, o catequista encontra uma pequena comunidade cristã. No meio daquele ambiente de guerra, com as pessoas sem saber muito bem o que fazer, para onde fugir, alguns cristãos, ao descobrirem ali um responsável da Igreja, um animador paroquial, fazem-lhe um pedido irrecusável. Eles disseram-me: Nós queremos rezar. Então fui à Igreja e rezámos”. Na ausência de um sacerdote, é comum haver por ali, em Cabo Delgado, a celebração da palavra”. Mas, quando regressa à paróquia de Palma depara-se com um cenário muito triste: “Regressei à paróquia para ver como aquilo estava...”. E o autor do artigo acrescenta: “O que encontrou deixou-o emocionado. E profundamente triste. A porta estava partida. Os terroristas tinham queimado imensas coisas, as imagens, alguns bancos,

as colunas de som e até janelas. Umhas janelas que aguardavam a um canto o momento em que iriam substituir as do edifício da igreja, já muito estragadas... Tudo destruído”.

Mais do que um herói, este homem revelou-se um grande mensageiro de Deus. O facto de arriscar a sua vida para salvar os bens dos fiéis demonstra bem a forma como vive o amor profundo à Igreja de Palma. Acredito que, neste contexto de guerra e instabilidade que se vive em Palma, poucos teriam a coragem que teve este homem. Penso que foi o Espírito de Deus que o conduziu ao lugar onde se encontravam os livros de assento.

Para terminar, não é demais lembrar que é no distrito de Palma que se encontra uma das maiores riquezas de Moçambique, o gás natural. Há alguns anos atrás, ninguém se acreditaria que viria a tornar-se num deserto, numa terra abandonada, no palco de grandes conflitos e atentados aos direitos humanos. Presentemente, a ocupação dos terroristas estendeu-se à zona norte de Cabo Delgado, obrigando o povo a deslocar-se, abandonando as suas casas. E tudo isto porque, diariamente, os terroristas mortificam e infligem sofrimento e dor a este povo inocente.



ENTREVISTA

"ESTAMOS SEMPRE A CRESCER"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

MAIS UM ANO LECTIVO TERMINADO, O QUE SIGNIFICA QUE A PASTORAL UNIVERSITÁRIA PODE DESCANSAR E RESPIRAR PARA PREPARAR MAIS UM ANO. COMO É QUE FOI FAZER PASTORAL JUNTO DE UM PÚBLICO TÃO EXIGENTE COMO OS JOVENS NUM ANO EM QUE TUDO FOI UM OBSTÁCULO POR CAUSA DA PANDEMIA? O CÓNEGO EDUARDO DUQUE EXPLICA, COM A AJUDA DA MARIANA MACEDO E DO ANTÓNIO ROCHA, JOVENS QUE FAZEM PARTE DA PASTORAL.

[Igreja Viva] A pastoral universitária é uma pastoral mais exigente que outras?

[Cón. Eduardo Duque] Eu creio que todas as pastorais são exigentes se, porventura, os seus coordenadores lhe atribuírem esse grau de exigência e se trabalharem para que essa pastoral, de facto, se desenvolva. Nesse sentido, não creio que esta pastoral seja mais exigente do que as outras. Creio que sim, para nós, tem sido muito exigente, porque nos temos dedicado, ao longo destes últimos 14 anos, de corpo e alma a esta pastoral, e por isso é que acreditamos que ela tem tido os frutos que tem tido, reconhecidos pela sociedade exactamente pela dedicação que nós lhe temos atribuído.

[Igreja Viva] Como tem sido levar a cabo esta pastoral nos últimos tempos?

[Cón. Eduardo Duque] Tem sido muito interessante. Nunca pensei que fosse tão interessante. Porque, desde o início, nós demos a liberdade à coordenação, a cada coordenador para, conjuntamente com as equipas que eles coordenam, desenvolverem o melhor possível a sua criatividade junto dos públicos es-

pecíficos com quem eles trabalham – públicos específicos porque todos nós trabalhamos com universitários, mas depois, entre os universitários, há vários projectos. Aquilo que lhes pedimos, quando despontou a pandemia, foi que cada coordenador desenvolvesse criativamente o seu plano, o seu projecto, de forma a que ninguém ficasse para trás. Isso levou a desenvolvermos muitos projectos para além daqueles que inicialmente nós tínhamos pensado e que estavam como antes da pandemia. Nós tivemos, por exemplo, uma actividade que foi espectacular, que foram os podcasts – Dois Minutos de Pausa, Minutos Quaresmais e o Advento no Momento. Estes podcasts ajudaram imenso a que cada estudante, à distância, pudesse estar conosco, pudesse rezar através de textos, áudios que os próprios universitários trabalhavam. Tivemos também uma iniciativa muito interessante, a meu ver, e que teve um impacto muito curioso junto dos estudantes, que foi pedir a vários universitários que escrevessem textos para que pudessem dizer como estavam a viver o tempo da pan-

demia, como é que um estudante confinado estava a viver o tempo da pandemia. Isso resultou não só num produto final que foi muito interessante para vários outros estudantes, mas também resultou como um momento de introspecção, de análise para aquele que estava a escrever. Quem lê aqueles textos percebe que estão carregados de pausa, de tempo lento, estão carregados de momentos de introspecção que os estudantes tiveram oportunidade de pôr em escrito. Também tivemos este ano, pela primeira vez, um projecto que nós

pensávamos que pudesse ter contornos muito amplos mas que, exactamente por causa da pandemia, não teve. O Rumos seria um projecto para ter uma grande amplitude, porque envolvia passar uma semana como a Missão País, numa paróquia em que os estudantes pudessem estar e fazer missão. Não foi possível realizar-se como gostaríamos, mas vai ser realizada em formato um pouco reduzido. Ou seja, não obstante todos os projectos que temos na pastoral para uma pastoral presencial, nós conseguimos criar, a meu ver, momentos

que levaram a uma aproximação dos estudantes. Temos vivido momentos muito interessantes – já tivemos a reunião de avaliação e foi muito interessante ouvir... Foi talvez dos anos mais criativos. Foi um ano e meio de muita, muita criatividade. Nesse aspecto, foi extraordinário.

[Igreja Viva] Apesar tudo o que tem acontecido à volta, diria então que estes últimos tempos representam um ponto alto na Pastoral Universitária?

[Cón. Eduardo Duque] Eu diria que sim, que representa





Apesar de ser um ano profundamente atípico, um ano e meio profundamente atípico, foi um ano de grande ânimo, em que as pessoas não desanimaram. Os jovens não desanimaram.

um momento de muita criatividade da parte dos estudantes, de muita audácia. Foram momentos em que, creio, os coordenadores se ultrapassaram a eles próprios porque conseguiram cativar outros jovens. Nós funcionamos numa equipa muito coesa e depois cada coordenador trabalha com várias outras pessoas. Cada coordenador geral pode ter outros coordenadores que, por sua vez, trabalham com outras equipas. Nós percebemos que houve grande coesão nos grupos, que a coisa correu muito bem, que foi um ano muito intenso, porque estivemos confinados, depois tivemos aqueles momentos de certa forma presenciais mas com muita distância uns dos outros, ultimamente já um bocadinho mais próximos, e na reunião geral, a ideia que perpassou por todos os grupos é que, apesar de ser um ano profundamente atípico, um ano e meio profundamente atípico, foi um ano de grande ânimo, em que as pessoas não desanimaram. Os jovens não desanimaram.

[Igreja Viva] Mariana e António, o que vos levou a gastar parte do vosso tempo livre para fazer parte da Pastoral Universitária?

[António Rocha] Uma das maiores riquezas da Pastoral Universitária é permitir aos jovens universitários participar em actividades de voluntariado, no coro, em tudo. Quando entrei na Pastoral Universitária, como residente, fiquei fascinado com um dos projectos que me apresentaram, o Projecto Sementes, que consiste em fazer um caminho durante o ano – com reuniões presenciais, fins-de-semana de retiro e de voluntariado, e culmina com uma missão de um mês em África. Eu fiquei apaixonado pelo Projecto e decidi participar. A partir desse momento, aquele bichinho que eu tinha de voluntariado e de ajuda ao próximo foi crescendo e foi desenvolvendo-se, e tenho participado em todos os projectos possíveis.

[Mariana Macedo] Eu já entrei na Pastoral há alguns anos, vim para Braga há cinco anos, e na altura também tomei conhecimento do Projecto Sementes e foi através dele que entrei na Pastoral. Aquilo que me fez entrar e que me faz continuar a estar presente é um bocadinho o senti-

mento de pertença a uma casa, a uma família, porque a Pastoral é uma oportunidade de conhecer e de criar relações com pessoas que acho que são muito bonitas, relações de amizade que eu valorizo imenso. Ao longo destes anos houve um projecto no qual eu estive mais envolvida, que é o “(Des)envolve-te”, que também é um projecto de voluntariado, mas local, em que o objectivo é proporcionar aos universitários de fazer voluntariado em instituições aqui de Braga e de Guimarães. No fundo, a ideia é dar um bocado mais do seu tempo, de saírem de si próprios e irem ao encontro do outro, e de terem contacto com realidades diferentes, a que não estamos habituados no nosso dia-a-dia, respondendo ao desafio do Papa Francisco para nos envolvermos enquanto pessoas – é isso que nos marca, que marca o nosso percurso académico, a nossa vida e que nos transforma enquanto pessoas. É o sentimento que estamos sempre a crescer que me faz continuar aqui, com muito gosto.

[Igreja Viva] António, como é residir no Centro Pastoral Universitário?

[António Rocha] Eu lembro-me que nos primeiros tempos... Estava habituado a viver com os pais, a família, e no início achei engraçado o choque que tive, porque os residentes acabam por se tornar família. Uma das coisas que aprendi ao longo destes três anos foi saber lidar com os diferentes tipos de pessoas, de rotinas, porque vimos todos de sítios diferentes, temos todos diferentes vivências e uma das vantagens é podermos aprender com pessoas que não conhecíamos. Saber que aquela pessoa fica um bocado mais nervosa quando acorda, ou que quando alguém tem um teste fica um bocado mais ansioso, e começamos a conhecer as pessoas e as suas dúvidas e inseguranças é umas das vantagens. A missa semanal com o padre Duque é um momento alto na semana porque nos permite acalmar, porque nos permite pensar e reflectir sobre a semana, e ganhamos energia para o resto da semana.

[Igreja Viva] António, como é residir no Centro Pastoral Universitário?

[António Rocha] Eu lembro-me que nos primeiros tem-

pos... Estava habituado a viver com os pais, a família, e no início achei engraçado o choque que tive, porque os residentes acabam por se tornar família. Uma das coisas que aprendi ao longo destes três anos foi saber lidar com os diferentes tipos de pessoas, de rotinas, porque vimos todos de sítios diferentes, temos todos diferentes vivências e uma das vantagens é podermos aprender com pessoas que não conhecíamos. Saber que aquela pessoa fica um bocado mais nervosa quando acorda, ou que quando alguém tem um teste fica um bocado mais ansioso, e começamos a conhecer as pessoas e as suas dúvidas e inseguranças é umas das vantagens. A missa semanal, comunitária, com o padre Duque é um momento alto na semana porque nos permite acalmar, porque nos permite pensar e reflectir sobre a semana, e ganhamos energia para o resto da semana.

[Igreja Viva] Mariana, és coordenadora do projecto de voluntariado “(Des)envolve-te”, já explicaste em que consiste. Os projectos de voluntariado costumam ter bastante adesão entre os jovens. Também é assim com o “(Des)envolve-te”?

[António Rocha] O “(Des)envolve-te” é um projecto que costuma ter muita adesão por parte dos universitários, no ano passado éramos cerca de 100 voluntários neste projecto. Naturalmente, este ano as coisas tiveram que ser reformuladas e também sentimos que houve menos voluntários a inscreverem-se e a participar, até porque houve menos aulas presenciais, este ano teve um sistema misto e havia gente que estava menos tempo em Braga. No entanto, os que se juntaram vieram com muita vontade e muito ânimo – no início tínhamos um pouco de receio sobre como iam correr as coisas, tivemos que passar de voluntariado presencial para actividades online, o que torna as coisas um pouco mais distantes, e não sabíamos o que íamos conseguir. As pessoas que se juntaram a nós foram excepcionais e as coisas correram muito bem, o feedback foi excelente, foi mesmo muito bom, portanto foi um ano em que, mesmo tendo menos procura, conseguimos fazer algo muito positivo.



“Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se”

XVI DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Perto do altar pode colocar-se um coração sendo preenchido por número indeterminado de rostos/pessoas.

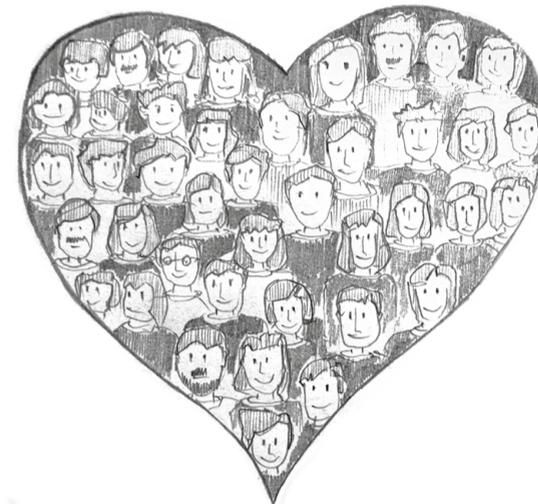


ILUSTRAÇÃO DA A.R.C. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Jer 23, 1-6

Leitura do Livro de Jeremias

Diz o Senhor: “Ai dos pastores que perdem e dispersam as ovelhas do meu rebanho!”. Por isso, assim fala o Senhor, Deus de Israel, aos pastores que apascentam o meu povo: “Dispersastes as minhas ovelhas e as escorraçastes, sem terdes cuidado delas. Vou ocupar-me de vós e castigar-vos, pedir-vos contas das vossas más acções – oráculo do Senhor. Eu mesmo reunirei o resto das minhas ovelhas de todas as terras onde se dispersaram e as farei voltar às suas pastagens, para que cresçam e se multipliquem. Dar-lhes-ei pastores que as apascentem e não mais terão medo nem sobressalto; nem se perderá nenhuma delas – oráculo do Senhor. Dias virão, diz o Senhor, em que farei surgir para David um rebento justo. Será um verdadeiro rei e governará com sabedoria; há-de exercer no país o direito e a justiça. Nos seus dias, Judá será salvo e Israel viverá em segurança. Este será o seu nome: «O Senhor é a nossa justiça»”.

Salmo responsorial

Salmo 22 (23), 1-3a.3b-4.5.6 (R. 1)

Refrão: O Senhor é meu pastor: nada me faltará.

LEITURA II Ef 2, 13-18

Leitura da Epístola

do apóstolo São Paulo aos Efésios

Irmãos: Foi em Cristo Jesus que vós, outrora longe de Deus, vos aproximastes d'Ele, graças ao sangue de Cristo. Cristo é, de facto, a nossa paz. Foi Ele que fez de judeus e gregos um só povo e derrubou o muro da inimizade que os separava,

anulando, pela imolação do seu corpo, a Lei de Moisés com as suas prescrições e decretos. E assim, de uns e outros, Ele fez em Si próprio um só homem novo, estabelecendo a paz. Pela cruz reconciliou com Deus uns e outros, reunidos num só Corpo, levando em Si próprio a morte à inimizade. Cristo veio anunciar a boa nova da paz, paz para vós, que estáveis longe, e paz para aqueles que estavam perto. Por Ele, uns e outros podemos aproximar-nos do Pai, num só Espírito.

EVANGELHO Mc 6, 30-34

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, os Apóstolos voltaram para junto de Jesus e contaram-Lhe tudo o que tinham feito e ensinado. Então Jesus disse-lhes: “Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco”. De facto, havia sempre tanta gente a chegar e a partir que eles nem tinham tempo de comer. Partiram, então, de barco para um lugar isolado, sem mais ninguém. Vendo-os afastar-se, muitos perceberam para onde iam; e, de todas as cidades, acorreram a pé para aquele lugar e chegaram lá primeiro que eles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas.

REFLEXÃO

A fidelidade de Deus é comparada à relação diligente do pastor com o seu rebanho. Do mesmo modo também se revela em Jesus Cristo: «Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco». Sem deixar de ter compaixão daqueles que «eram como ovelhas sem pastor».

“Vós estais comigo”

É a partir da temática do pastor que se constrói a unidade deste domingo. Para nós, este é o quinto e último ‘episódio’ da série sobre a fé (iniciada no Décimo Segundo Domingo).

A imagem do pastor era muito querida aos primeiros cristãos, juntamente com o símbolo do peixe. Vale a pena lembrar que a primazia da ‘cruz’ como símbolo cristão só acontece a partir do quarto século da nossa era (cristã). De todas, a do pastor é com certeza a mais antiga, já presente na literatura judaica, como se percebe nos textos do Antigo Testamento.

O salmo 22, por exemplo, lembra-nos o modo como Deus cuida de nós, em todas as circunstâncias da nossa vida: do descanso às dificuldades, dos «verdes prados» aos «vales tenebrosos», reza o salmista dirigindo-se a Deus, «Vós estais comigo».

A convicção do salmista é visível em Jesus Cristo, de modo que o relato do evangelho nos descreve a solicitude do Mestre em relação à necessidade dos outros: de descanso para os discípulos; de presença e instrução para a multidão. A narração do evangelho descreve o acontecimento real expresso pelo poema-oração do salmista. O cardeal Carlo Maria Martini sugere este salmo como «extraordinário exercício de fé e de esperança», como «esplêndida oração» a repetir ao longo da vida, «remédio salutar, consolador, divino e eficaz para todas as ansiedades do coração humano».

Este é o melhor resumo para culminar a nossa reflexão sobre a fé como experiência de vida, à luz dos textos bíblicos dos últimos domingos. Percebemos que a fé é uma história de encontro, que toca com seriedade todas as situações do quotidiano. A fé abre-nos a uma relação e nela nos implica, desde o grito ao pedido, desde o desejo à sedução.

Acreditar não é uma teoria ou uma doutrina. Acreditar é implicar a minha vida numa relação com Alguém (a quem

chamamos Deus) digno de confiança. Aliás, a iniciativa parte de Deus. A cada um de nós reserva-se a liberdade de se permitir entrar nessa relação de confiança.

Dom e escolha

O crente reconhece a solicitude divina, em todas as circunstâncias da sua vida. Seja nos momentos de descanso, seja na travessia de ‘vales tenebrosos’, o Senhor está comigo. É um itinerário espiritual em direção à paz interior, à unificação do coração, a partir do dom de uma ‘presença’ que merece confiança.

Ao fim de contas, a fé, mais do que acreditar na existência de Deus, é ter a percepção de que Deus acredita em nós. Antes de uma escolha da nossa parte, percebe-se como um dom: Deus confia em mim e me ama, sempre e apesar de tudo. A minha escolha está, portanto, em querer descansar nessa confiança e nesse amor, ‘para todo o sempre’. No final do percurso, pode ser esta a melhor expressão de fé: «Não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo».

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

Quando um grupo se desagrega, se dispersa, a tendência é culpar tudo e todos, menos a nós próprios. Na tradição bíblica, Israel não culpa os outros pelos seus desastres. Se Israel foi disperso pelo Exílio, a culpa não foi dos babilónios, mas de Israel e dos seus pastores. Nas crises, o primeiro passo é assumir as culpas próprias para entrar num processo de conversão. Os grupos de acólitos também assim devem proceder.

Leitores

Aquele que proclama a Palavra de Deus deve sempre lembrar-se de que ele próprio



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações do Domingo XVI do Tempo Comum (*Missal Romano*, 410)

Oração Eucarística: Oração Eucarística V/A com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1157ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Nesta semana, somos convidados a programar os nossos tempos de oração, silêncio e meditação para a época de férias que se aproxima ou que já estamos a viver. Tal como preparo minuciosamente o tempo de férias, que haja nessa programação tempo para o encontro com o Senhor.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** Eu cuidarei das minhas ovelhas – F. Silva
- **Apresentação dos dons:** A messe é grande – C. Silva
- **Comunhão:** O Cordeiro de Deus é o nosso Pastor – C. Silva
- **Final:** Salvé, Bartolomeu dos Mártires – F. Silva

não está do lado de Deus, mas do lado do povo. Ele não é o emissor da mensagem; ele faz parte dos destinatários dessa mensagem. Ele apenas empresta a sua voz e tem o dever de inclinar a sua orelha para a Palavra de Deus. Nisto devemos acolher o exemplo de Paulo que diz: “[...] uns e outros podemos [...]” e não “[...] uns e outros podeis [...]”.

Ministros Extraordinários da Comunhão

Muitas vezes, o MEC vai levar a Comunhão aos doentes no final da Eucaristia do Domingo que pode terminar já perto da hora do almoço. Por isso, ele pode desabafar retomando as palavras do evangelista: “Nem tenho tempo para comer!”. O serviço evangélico exige o dom de si próprio até ao ponto de não se ter tempo para si. Mas, olhando com os olhos de Jesus, também “nos compadecemos de toda aquela gente”.

Músicos

Num coro, o maestro é aquele que agrega, que impede que as ovelhas – cantores e instrumentistas – se desgarrem por “vales tenebrosos” ou enfrentem as dificuldades musicais temerosamente.

Nesses momentos, a sua batuta enche de confiança. Assim, ele vai preparando a mesa com os manjares suculentos da harmonia, da linha melódica segura, do ritmo firme e sem hesitações e do silêncio ressonante, delicioso e perfumado.

Celebrar em comunidade

Silêncio

Conforme o Evangelho do décimo sexto Domingo do Tempo Comum, que fala no incentivo de Jesus ao descanso, o sacerdote é convidado a prolongar os tempos de “descanso”, através do silêncio proposto em vários momentos da celebração da Eucaristia.

Homilia

1. O caminho que as leituras nos propõem neste Domingo é o da unidade. Todos os que não fizerem caminhos de unidade, que dispersem ou não deem tudo pelas suas ovelhas, por aquelas pessoas que estão ao seu encargo deverá ser castigado e ser-lhes-á pedido contas, no dizer de Jeremias. Os maus pastores terão de prestar contas a Deus por terem defraudado a Sua confiança.

2. Contudo, o povo não ficará sem Pastor. O próprio Deus se encarregará de lhes dar pastores que farão um trabalho justo e com sabedoria em prol da unidade entre judeus e gregos. Esta justiça e sabedoria tomará ainda maiores dimensões quando for Jesus a tomar o cajado do ensino e da evangelização. Ao contrário dos movimentos mundanos, Jesus entrega-se totalmente, dá o exemplo e pede aos Apóstolos para fazerem o mesmo. Já não cumpre o horário de expediente e depois separa-se para viver a vida, mas assume a sua missão na totalidade de tempo e de disponibilidade, até à última gota de sangue. A esta atitude damos o nome de compaixão, que se traduz num sentimento profundo, visceral, de benevolência e solicitude, que caracteriza e explana bem o que foi a vida de Jesus.

3. Todos somos discípulos missionários. É a partir desta certeza que Jesus, vendo que combatemos o bom combate, nos incita a descansar um pouco. Em época balnear, estas palavras são condizentes com o tempo real que estamos a viver. Contudo, seja em que lugar for, os

cristãos não deixam de ser discípulos missionários. Este é o nosso ADN. Posto isto, Jesus alerta-nos que o sentimento de compaixão e o compromisso com Ele não podem passar férias. Descansar sim, abandonar a missão não. Peçamos a graça de nunca nos afastarmos do nosso Pastor, Jesus Cristo.

Oração Universal

Oremos, irmãs e irmãos, para que a Igreja e os povos da terra escutem e sigam o verdadeiro pastor, dizendo com fé:

R. Ouvi-nos, Bom Pastor!

1. Que a Igreja santa, nossa mãe, glorifique o nome de Jesus, o seu Pastor, e anuncie em toda a parte o Evangelho, oremos.

2. Que os sacerdotes sejam imagem do Bom Pastor e os fiéis rezem pelos seus pastores, de modo particular pelos sacerdotes que são ordenados neste Domingo para o serviço da nossa Arquidiocese, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Compadeceu-se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor”

DÉCIMO SEXTO DOMINGO
ANO B - 2021



LABORATÓRIODAFÉ



DUAS FORMAÇÕES PARA CATEQUISTAS MARCAM MÊS DE JULHO



O Departamento Arquidiocesano para a Formação e Ministérios Laicais está a organizar duas formações, que vão ter lugar nos dias 17 e 24 de Julho e que se destinam sobretudo a catequistas – mas estão abertas a qualquer agente de pastoral.

No dia 17 de Julho, sábado, das 9h30 às 16h30, terá lugar o Curso de Sensibilização no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese de Braga. Este curso é destinado sobretudo a catequistas em início de actividade ou sem formação e, para poderem tomar parte neste curso e obterem certificado de participação, devem proceder ao preenchimento da ficha de inscrição – descarregável no fim do artigo.

Esta formação tem número limite de inscrições, ficando a inscrição sujeita à confirmação do Departamento. Caso o número limite seja ultrapassado, poderá ter lugar uma segunda edição no dia 18 de Julho, domingo, no mesmo horário. O almoço, em todos os casos, fica ao critério de cada formando. No dia 24 de Julho, sábado, das

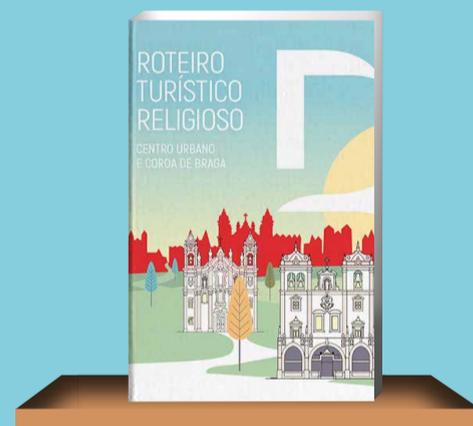
14h30 às 18h, no Espaço Vita, terá lugar a formação “Catequese: do Acto à Acção – Acolhendo as interpelações do Directório para a Catequese”. A intenção é responder a algumas necessidades de formação e informação, sobretudo de catequistas, acerca do novo Directório para a Catequese que o Vaticano apresentou em Junho de 2020, o terceiro documento do género em 50 anos.

Depois do acolhimento e oração inicial, o cónego Luís Figueiredo Rodrigues irá apresentar uma evolução histórica do Directório para a Catequese. Após um intervalo, segue-se “(Re) descobrir a identidade da Catequese”, pelo Pe. Tiago Varanda, seguido de mais um intervalo e de uma explicação do cónego Luís Figueiredo sobre a “Catequese nos diversos cenários culturais”.

A inscrição nesta formação – também com número de participantes limitado – deve ser feita através do formulário disponibilizado para o efeito pelo Departamento, ao qual pode aceder através desta notícia no site da Arquidiocese de Braga.



ROTEIRO TURÍSTICO RELIGIOSO
JOSÉ PAULO ABREU,
VARICO PEREIRA



No roteiro é possível encontrar uma breve descrição da história das Igrejas, bem como um mapa com a sua localização, horários dos serviços religiosos e respectivos sites.

Compre online em www.livrariadm.pt

